

Coleção Aventuras Grandiosas

**Jack London**

# CANINOS BRANCOS

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

2ª Edição

 **EDITORIA  
RIDEEL**

## Capítulo 1

## MUNDO SELVAGEM

Era uma região gelada. A paisagem branca da neve, o silêncio cortado apenas pelo vento, que curvava a copa das árvores quase até o chão, e a temperatura muito abaixo de zero causavam sensação de tristeza e solidão. Esse local era conhecido como Wild, que significa “selvagem” em inglês. Era o grande Wild da América do Norte, entre o Canadá e o Alasca, tão **HOSTIL** quanto seu nome.

Havia também um rio congelado. Ao longo dele seguiam seis cães-lobos puxando um trenó carregado de cobertores, painéis e ferramentas. O que mais chamava a atenção na carga daquele trenó, no entanto, era um caixão de madeira. À frente dos cães ia um homem. Fechando a comitiva outro homem usava raquetes próprias para andar na neve. A tarefa de Henry e Bill era levar o corpo que descansava tranquilo dentro do caixão até Fort McGurry.

— Este pelo menos não precisa fazer nenhum esforço — comentou Bill.

— Já não está mais neste mundo. Foi consumido pelo Wild — disse Henry, calando-se em seguida para não ficar sem fôlego.

Os dois homens realizavam seu trabalho com dificuldade. A neve caía forte, cobrindo-os de gelo. Eles vestiam roupas de couro e peles de animais para aguentar o vento congelante. Procuravam manter o ritmo da caminhada. Queriam chegar logo a Fort McGurry e ir para a frente de uma lareira.

Os dias eram muito curtos. Logo a noite caiu. Junto com ela, um grito ecoou ao longe. Os dois companheiros se olharam.

— É um uivo — disse Henry.

— Acho que estão atrás de nós — disse Bill.

— Não há carne por aqui. Faz dias que não vejo nem rastro de coelhos — continuou Henry.

Um pouco mais tarde, resolveram acampar. Acenderam uma fogueira e fizeram café derretendo um bloco de gelo. O caixão servia de mesa para o pobre jantar. Os cães foram soltos e colocados perto de um arbusto próximo. Estavam agitados, brigavam entre si, mas não estavam interessados em sair caminhando. Permaneciam juntos. Bill chamou a atenção do amigo:

— Henry, aconteceu uma coisa estranha agora há pouco.

— O que foi?

— Quantos cães nós temos?

— Seis.

 **HOSTIL:** agressivo, inimigo, provocante



— Então, peguei seis peixes na sacola e dei um para cada um. Só que faltou um peixe.

— Você deve ter contado errado.

— Não contei errado. Havia sete na hora da refeição. Precisei pegar outro peixe para Desorelhado.

Henry olhou para o lado e disse:

— Só vejo seis cães.

— Em primeiro lugar eu não disse que todos eram cães. Depois, vi um sair correndo pela neve assim que pegou o peixe na boca.

Nessa hora, ouviram um uivo bem perto deles. Depois outro e mais outro. Henry perguntou a Bill:

— Você acha que o sétimo cão era um deles? — apontando para um par de olhos brilhantes que os observava através de um arbusto.

Bill respondeu balançando a cabeça para frente. Outros pares de olhos surgiram e os cachorros correram para perto dos homens e da fogueira. Um deles acabou queimando o pelo e saiu **GANINDO** de dor. Henry falou:

— O melhor que temos a fazer é aumentar o fogo e ir dormir. Eles não chegam perto da fogueira. Os cães podem ficar junto de nós.

Bill foi arrumar os cobertores sobre um punhado de galhos recolhidos antes do jantar. Com o fogo alto, os olhares famintos que circulavam o acampamento se afastaram e todos puderam dormir um pouco. De madrugada, porém, Bill acordou com o alvoroço dos cães. Levantou-se devagar e colocou mais lenha na fogueira, depois aproximou-se dos cachorros e levou um susto: havia sete novamente! Tentou acordar Henry, mas ele apenas resmungou.

De manhã, Henry acordou primeiro e chamou o amigo para seguir viagem. A luz do dia só chegaria três horas mais tarde. Quando foi arrumar o trenó, Bill perguntou:

— Henry, você não disse que tínhamos seis cães?

— Sim.

— Pois agora só temos cinco. Gorducho sumiu.

Henry foi verificar e confirmou o desaparecimento.

— Que ódio! — gritou. — Os lobos o comeram sem ao menos fazer barulho!

— Gorducho sempre foi meio bobo — disse Bill.

— Não tão bobo a ponto de se afastar dos outros e cometer suicídio ao virar jantar para os lobos.

Bill achou melhor não comentar nada sobre o sétimo “cão” ter aparecido durante a noite. Henry estava bastante irritado e agora não tinha mais jeito, um dos cães estava morto. Disse apenas:



**GANINDO:** gemendo com barulho próprio dos cães





— Sempre achei que havia alguma coisa errada com o Gorducho...

Ainda revoltados, organizaram o trenó e partiram. O uivo dos lobos continuava a segui-los. A luz chegou às nove horas. Por volta do meio-dia, o céu ficou rosado, mas logo depois, às três da tarde, já era noite de novo. Com a chegada da escuridão, os uivos aumentaram e se aproximaram. Logo resolveram parar e acender uma fogueira.

Enquanto Henry preparava um feijão na beira do fogo, Bill foi alimentar os cães. Henry ouviu um uivo bem alto, uma espécie de rosnado e um barulho seco de paulada. Foi correndo ver o que tinha acontecido. Bill estava com um pedaço de madeira na mão e metade de um peixe **DEFUMADO** na outra.

— Era ele de novo! Ficou com metade do peixe. Depois saiu correndo. Veja as pegadas — disse ele.

— Deve ser um lobo domesticado para chegar tão perto assim dos cães e de nós.

— Tão domesticado que comeu o Gorducho... — ironizou Bill.

Henry resmungou um pouco. Os dois amigos jantaram e foram dormir, sempre vigiados pelos olhares **FURTIVOS** dos lobos. A fogueira os protegia.

De manhã, Henry acordou com os protestos de Bill.

— O Sapo sumiu! — gritou.

— Ah não! Sapo era o cachorro mais forte que tínhamos!

Passaram o dia **ACABRUNHADOS** pela perda de Sapo e à noite, como sabiam que os lobos continuavam a segui-los, decidiram amarrar os cães bem perto deles em uma **ESTACA** de madeira.







— Os cães estão seguros agora. Se algum sumir, não vou tomar café. É uma promessa! — disse Bill.

Desorelhado estava agitado. Rosnava e latia para um animal parecido com um cachorro que se aproximava da pequena **MATILHA**. Ele não parecia ter medo. Queria ir para perto do visitante, mas a corda que o amarrava o impedia.

— É uma loba — disse Henry.

— E foi nela que eu bati com o pedaço de pau — completou Bill.

— Agora entendi por que os cães não ficam com medo dela. É como uma isca. Atrai os cachorros para a **ALCATEIA** devorá-los.

-  **DEFUMADO:** seco com um processo em que se expõe a carne a fumaça
-  **FURTIVO:** escondido, dissimulado
-  **ACABRUNHADO:** desanimado, nervoso, aflito
-  **ESTACA:** pedaço de madeira fincado no chão
-  **MATILHA:** grupo de cães
-  **ALCATEIA:** grupo de lobos

Uma lenha estourou na fogueira, assustando a loba, que correu de volta para as trevas. Na manhã seguinte, Henry despertou o amigo dizendo:

— Ei, Bill, acho que hoje você não vai tomar café.

— Por quê? — gritou Bill, levantando-se com rapidez.

— O Malhado desapareceu.

Dessa vez foi Bill que ficou enfurecido. Xingou a alma do pobre cão, chamou-o de desastrado e estúpido, depois foi comer seu **DESJEJUM** seco. Henry insistiu para ele tomar um gole de café, mas Bill era orgulhoso e recusou, com o rosto vermelho de raiva. Durante o dia, ainda inconformado, Bill saiu com a espingarda para dar uma observada nos lobos. Quando voltou, disse:

— Há muitos deles espalhados. Alguns são pura pele e osso.

— O que quer dizer?

— Que querem nos devorar! — disse, impaciente.

— Já passei por situações bem difíceis e me livre. Não vai se um punhado de lobos que vai me derrotar, Bill.

— Henry, você não entende. São mais ou menos quarenta lobos!

De repente, os dois escutaram um barulho atrás do trenó. Era a loba, que caminhava na direção deles. Fizeram os cães pararem e olharam para trás. A loba também parou. Era bem grande. Devia ter uns oitenta centímetros de peito e um metro e meio de comprimento. A pelagem era cinza, com reflexos avermelhados que apareciam e sumiam como uma ilusão de ótica.

— Esse bicho parece bonzinho, mas está com fome — disse Henry.

— É só olhar para ela. Está nos estudando.

Bill e Henry se entreolharam e concordaram fazendo sinais que deveriam atirar na loba. Bill pegou o rifle, mas, assim que viu a arma, o animal fugiu para os arbustos ao lado do rio.

— Maldita! Ainda vou matá-la! Escreva o que estou dizendo! — gritou Bill.

Henry tentou acalmá-lo, mas Bill estava bem preocupado.

— Preciso matá-la, Henry, ou esses lobos vão nos pegar. Eles sentem que vão nos pegar. Se conseguir atirar nela, os outros se assustam e vão embora — disse ele.

— Pare de falar assim! Nenhum lobo vai nos pegar! — disse Henry.

— Algo me diz que vão...

— Falando desse jeito você já está com a metade do corpo dentro da boca dos lobos. Pare com isso! Vamos amarrar os cães e dormir.

No dia seguinte, os dois acordaram mais aliviados, pois nenhum cachorro tinha sumido. Saíram pela escuridão, como de costume. Por volta do meio-dia, o



**DESJEJUM:** café da manhã





trenó passou por uma pedra e capotou. Os dois homens precisaram desamarrar os cães para conseguir colocar as coisas no lugar. Foi então que o pior aconteceu.

Desorelhado se afastou e caminhou alguns metros para longe deles. A loba estava lá e parecia, de alguma forma, enfeitiçar o cão. Ele tocava seu focinho no dela e ela recuava, levando-o cada vez para mais longe. Quando Desorelhado finalmente ouviu os gritos de Henry e Bill que o chamavam e olhou para onde estava o trenó, a loba o atacou com uma mordida no pescoço. Ele correu na direção dos homens, mas cerca de uma dúzia de lobos foi atrás dele. Desorelhado corria em ziguezague, mas cada vez mais lobos apareciam no seu **ENCALÇO**. Bill pegou o rifle. Henry gritou:

— O que vai fazer? Está maluco? Você só tem três cartuchos.

— Não vou perder mais nenhum cachorro para esses lobos! — disse ele.

O plano de Bill era tentar espantar os lobos com os tiros e abrir caminho para que Desorelhado se aproximasse do trenó. Henry gritou para ele tomar cuidado e sentou-se no caixão. Não podia fazer mais nada, apenas esperar. Perdeu Bill de vista, mas via Desorelhado aparecer entre um arbusto e outro. De repente, escutou um tiro. Segundos depois o segundo tiro ecoou. O terceiro veio em seguida, trazendo a certeza de que a munição chegara ao fim.

Os minutos seguintes foram dolorosos para Henry. Ele escutou um uivo estridente de Desorelhado e um grito humano. Sabia que agora só restavam ele e os dois cães que se aninhavam a seus pés. Ficou um tempo parado, sem saber o que fazer. Depois atrelou os cães ao trenó e retomou a caminhada. Assim que a noite caiu juntou bastante lenha e acampou.

Quase não conseguiu dormir, pois a alcateia estava toda ao redor. Precisou alimentar o fogo a noite toda e manter os cães grudados a ele, um de cada lado. A cada aproximação dos lobos, ele atirava brasas na direção deles. Isso agitava os cães e tornava a noite ainda mais difícil de ser vencida.

De manhã, juntou pedaços de madeira e fabricou um **ESTRADO** improvisado. Colocou o caixão sobre ele e, com a ajuda de uma corda e dos cães, levantou-o para o alto de uma árvore. Era a única maneira de evitar que o homem morto fosse comido pelos lobos. Além disso, agora podia andar com o trenó mais leve e chegar o quanto antes a Fort McGury.

Enquanto deslizava com os dois cães pela neve, via os lobos acompanhando-os atentamente. Estavam tão magros que ele não conseguia entender como ainda tinham forças para correr atrás deles.

 **ENCALÇO:** pista

 **ESTRADO:** armação de madeira que geralmente apoia o colchão na cama

A noite seguinte foi ainda mais terrível. A loba avermelhada caminhava sem medo ao redor dele e dos cães e fugia toda vez que via brasas atiradas em sua direção. De manhã, contrariando o costume, os lobos não se afastaram com a luz do dia. Fecharam ainda mais o círculo em volta da fogueira e quase abocanharam a perna de Henry quando ele tentou se aproximar do trenó.

Como a fogueira estava ao lado de uma árvore pequena, ele tratou de cortar seus galhos com o machado e usá-los para aumentar o fogo. Passou o dia inteiro nessa **EMPREITADA**. À noite, já não aguentava mais de sono. Tentava a todo custo ficar acordado, mas seus olhos se fechavam. Em uma dessas cochiladas, ele acordou com a loba em cima dele. Os cães já haviam sumido e ele estava sendo atacado. Correu para dentro da fogueira e, mesmo tendo a pele queimada, conseguiu evitar um ataque **FATAL**.

— Ainda não foi dessa vez! — gritou.

Rapidamente, tratou de montar uma fogueira em volta de si mesmo. Cobriu-se com peles e cobertores e ficou agachado no meio do círculo de fogo. Os lobos juntaram-se em volta e uivaram em **UNÍSSONO**. Quando o fogo estava prestes a acabar, Henry fechou os olhos, levou a cabeça para junto do peito e dormiu. Havia desistido de lutar. Acordou uma ou duas vezes e viu o focinho da loba avermelhada bem perto do seu rosto, mas não fez nada, apenas resmungou:

— Podem me atacar quando quiserem.

De manhã, ao abrir os olhos, percebeu que os lobos haviam sumido. Vários homens montados em trenós estavam perto dele.

— acorde! — disse um. — Onde está o caixão de Lorde Alfred?

— Sobre uma árvore, alguns quilômetros longe daqui.


Henry foi carregado para um trenó. Parecia estar delirando, pois falava coisas estranhas sobre uma loba avermelhada que comera seus cães e seu amigo. Depois deixou-se vencer pelo cansaço e caiu no sono, escutando ao longe os uivos da alcateia, ainda faminta, que fugira dos homens de trenó e perdera a oportunidade de devorar sua carne.


## Capítulo 2

# A FAMÍLIA LOBO

A loba foi a primeira a escutar os trenós chegando. Liderada por ela, a alcateia se afastou do homem no círculo de fogo. Um lobo cinzento e jovem, que também

 **EMPREITADA:** trabalho, tarefa

 **FATAL:** mortal, final

 **UNÍSSONO:** ao mesmo tempo





era um dos líderes, ajudou-a a bater em retirada. Rosnou e até mordeu aqueles que se recusavam a ir embora. Logo estavam todos os lobos caminhando juntos à procura de outro tipo de carne que não fosse a de Henry. O lobo cinzento e a loba caminhavam à frente, lado a lado. No entanto, quando ele tentava fazer qualquer coisa de que a loba não gostasse, ela mostrava os dentes e rosnava com força. Ele se acalmava, pois respeitava sua autoridade. Parecia estar apaixonado.

A loba, além dele, tinha outro admirador. Era um lobo mais velho. O corpo cheio de cicatrizes demonstrava as muitas batalhas nas quais ele havia tomado parte. Ele também caminhava ao lado dela. Sempre do lado direito. Talvez o fato de ele só ter o olho esquerdo explicasse isso. De vez em quando, o lobo cinza e Caolho brigavam pela atenção da loba, mas nessas horas ela caminhava ainda mais à frente da alcateia. Era como se quisesse dizer: “Ei, vocês dois, parem de brigar. A fome é mais importante do que essa disputa por mim”.



Havia ainda um lobo de três anos de idade que, volta e meia, se metia na dianteira da alcateia, mas nesse caso ele era ameaçado por três dentaduras afiadas, que o mandavam de volta para trás: a da loba, a do lobo cinza e a de Caolho, que se uniam contra o mais jovem.

A alcateia era composta por lobos de todas as idades. Os velhos e os muito jovens caminhavam atrás. Todos estavam fracos e desesperadamente famintos, mas não perdiam o ritmo. Caminharam durante o dia todo e a noite também. Passaram por rios congelados e cruzaram vales. Na manhã seguinte, uma surpresa! Encontraram **ALCES**, vários deles!

Um macho de cerca de trezentos e cinquenta quilos foi morto em questão de minutos. Ele lutou com seus grandes chifres e chegou a machucar alguns lobos, mas a loba avermelhada o atingiu no pescoço e logo os quarenta lobos da alcateia estavam devorando toda aquela carne fresca.

Depois da refeição, os lobos puderam finalmente descansar. **SACIADA** a fome, a alcateia começou a se separar nos dias seguintes. Como estavam numa região de caça, pequenos grupos saíam atrás de comida e não voltavam, formando novos grupos. A loba avermelhada liderou o seu, que era composto por Caolho, o lobo cinzento e o jovem de três anos.

Agora que não sentiam mais fome, os três lobos machos estavam preocupados com outra questão: o amor pela loba. O de três anos deu uma mordida em Caolho, julgando ser mais fácil vencer um lobo velho, mas Caolho contava com sua ampla experiência em batalhas. Com uma agilidade fora do comum, o velho

-  **ALCE:** mamífero ruminante, cervídeo, que tem chifres parecendo galhos de árvores
-  **SACIADA:** satisfeita, farta

lobo **ERIÇOU** os pelos, mostrou os dentes e, num único ataque, rolou pela neve com o jovem lobo. O lobo cinzento tomou o partido de Caolho e ajudou-o a derrotar o mais jovem. Ambos morderam e rasgaram a pele do de três anos até ele dar a vida pelo amor da loba, manchando a neve de sangue.

O pobre cinzento, no entanto, não sabia que sua ajuda não fora tão bem-vinda quanto ele esperava. Ainda nervoso pela luta, Caolho partiu para cima do cinzento no momento em que ele lambia uma ferida no ombro. Deu-lhe uma mordida terrível na garganta e fechou bem os dentes, praticamente arrancando-lhe a veia. Venceu mais uma vez a luta pelo coração da loba. Ela, por sinal, observava tudo sentada na neve, com olhar satisfeito.

Assim que o lobo cinzento parou de se mexer, Caolho foi para perto da loba. Andou devagar, pois tinha receio de ser rejeitado e até mesmo de ser morto por ela. Mas isso não aconteceu. A loba parecia orgulhosa de Caolho. Roçou seu focinho no dele e os dois saíram correndo por entre as árvores, brincando e rolando na neve como dois filhotes. Passaram a fazer tudo juntos. Caçavam, comiam e depois dormiam aconchegados no pelo um do outro.

Depois de um tempo, a loba começou a ficar inquieta. Estava à procura de alguma coisa. Sempre que via buracos em troncos caídos, fendas em rochas ou na neve, parava e cheirava tudo. Caolho a esperava com paciência.

Certo dia, um barulho chamou a atenção do casal de lobos. Eles pararam e farejaram o ar, depois foram rastejando até uma **CLAREIRA** e se esconderam atrás das árvores. Viram pessoas, uma fogueira, tendas feitas de madeira e pele de animais. Ouviram sons de criança chorando e cães latindo, além de cheiros característicos de comida preparada pelos índios. A loba conhecia muito bem lugares como esse, mas, para Caolho, tudo era novidade.

Ele queria ir embora, mas a loba estava agitada e com vontade de ir brincar com os cães, ficar perto da fogueira e receber comida da boca dos homens. Caolho tocou seu focinho, como se pedisse para ela não ir adiante. Ela concordou, pois a vontade de encontrar aquilo que estava procurando era mais forte. Para alívio de Caolho, ambos saíram correndo e se **EMBRENHARAM** na floresta.

Caminharam dois dias, até que a loba quis parar. Sentia-se cansada e pesada. Além disso, ela finalmente havia encontrado o que tanto procurara. Era uma caverna aberta numa parede de terra firme, que agora, com a neve derretendo por causa da primavera, era possível enxergar.



**ERIÇOU:** arrepiou, ouriçou



**CLAREIRA:** um espaço sem árvores no meio do mato



**EMBRENHARAM:** meteram-se, esconderam-se





Cheirou tudo ao redor, depois entrou na caverna arrastando-se pelo chão e se colocou lá dentro, com a cabeça olhando para fora. Caolho percebeu que ela estava satisfeita, pois, pela entrada estreita, viu sua cauda batendo no chão. Sempre fazia isso quando estava feliz.

Ele, no entanto, sentia fome e não queria ficar ali. Tentou chamá-la para saírem à procura de alimento. Era abril e a primavera tornava a região mais bonita. Mas ela não se interessou em levantar. Caolho, então, resolveu ir caçar sozinho.

Quando voltou, à noite, não tinha encontrado nada e estava com mais fome do que antes. Escutou alguns sons estranhos vindos de dentro da caverna e tentou entrar lá, mas a loba rosnou para ele, que compreendeu a ordem e dormiu do lado de fora. De manhã, ainda instigado pelos sons diferentes da caverna, conseguiu ver que havia cinco criaturinhas vivas entre as pernas da loba. Ele já tinha passado por situações como aquela antes, mas a surpresa era sempre grande. Quis entrar para conhecer seus novos filhotes, mas a loba rosnou ferozmente. Era a primeira vez que ela era mãe, mas sabia, por instinto, que alguns pais devoravam seus filhotes vivos. Precisava proteger sua cria.

A loba não precisava se preocupar. Caolho, em vez de comer os filhotes, deixou seu dever de pai falar mais alto e saiu em busca de alimento para a família. Conseguiu caçar um galo silvestre e levou-o até a loba. Ela comeu com alegria, mas logo depois já estava rosnando para Caolho novamente. Ele entendeu o recado e, mais uma vez, ficou longe da porta da caverna.

### Capítulo 3

## O LOBINHO CINZA

Ao contrário de seus dois irmãos e duas irmãs, que tinham a pelagem ruiva como a de sua mãe, ele nascera cinzento, igualzinho a Caolho, com a exceção de que tinha dois olhos saudáveis, e não apenas um como o pai.

Passou o primeiro mês de vida dormindo quase o tempo todo, mas agora já ficava mais tempo acordado. Brincava com os irmãos e sentia o calor da mãe, que sempre os alimentava com leite e os acariciava com a língua macia.

Agora que ele já conseguia abrir bem os olhos, percebeu que seu mundo era escuro e apertado. Ele não se importava, pois não conhecia nenhum outro mundo, mas uma coisa exercia uma atração muito forte nele e nos irmãos. Era uma das paredes da caverna. Dela vinha uma luz tão forte que chegava a ofuscar os olhinhos recém-nascidos da ninhada. Toda vez que eles caminhavam na direção dela, sentiam que o carinho da mãe se transformava em fortes focinhadas e patadas na direção contrária.

Após esse primeiro mês, a loba já não suportava cinco filhotes mamando em suas tetas. Foi quando ele e os irmãos começaram a comer carne. A mãe mastigava

pequenos pedaços e os entregava aos cinco, que aprenderam cedo a herança da espécie de matadores e comedores de carne da qual faziam parte.

O lobinho cinza era o mais esperto da ninhada. Era o que mais dava trabalho à mãe, pois a parede de luz na entrada da caverna o atraía cada vez mais. Ele não se cansava de tentar ir até lá e voltar rolando pelas patadas da mãe de volta para dentro. Mas ele não sabia que aquilo era uma entrada. Pensava que era uma parede diferente das outras, contra a qual ele sempre batia o focinho macio. Aliás, ele já reconhecia o pai, provedor de carne que sempre se misturava à luz daquela parede até sumir.





Assim como todos os que nasciam no Wild, o lobinho conheceu a fome. De uma hora para a outra, Caolho não conseguia encontrar comida. Não havia mais carne mastigada nem leite nas tetas da mãe. Ele e os irmãos não sentiam mais vontade de brincar, brigar ou rolar pelo chão da caverna. Choraram e **GRUNHIRAM**, mas depois dormiram. Quando o lobinho acordou, percebeu que seus irmãos não estavam mais lá. Só ele suportara a fome bravamente e conseguira esperar pelo pedaço de carne que lhe salvou a vida.

Agora a mãe e o pai saíam para buscar comida. Certo dia, só a mãe voltou. Ela não sabia como contar ao filho, mas seu pai havia sido pego por um **LINCE** fêmea que também tentava arrumar carne para os filhotes.

Enquanto a mãe saía para caçar, ele dormia na caverna. Quando estava acordado, ficava **APREENSIVO** aguardando sua volta. Às vezes choramingava baixinho. Tinha aprendido que a parede de luz era proibida. Além disso, sentia medo de ir sozinho até lá. Ninguém nunca havia ensinado a ele coisas sobre o medo, mas milhões de anos de instintos da espécie haviam **INCUTIDO** no filhote a ideia de que é preciso ter medo do desconhecido.

Apesar do medo, ele não podia negar que aquela luz na qual a mãe se misturava era muito interessante. Ele estava crescendo a cada dia e a luz fazia parte do crescimento. Como uma planta que procura luz para poder se desenvolver, o lobinho certo dia rastejou até a entrada da caverna.

A parede não se chocou contra seu focinho como as outras paredes da caverna. Ao contrário, ela o envolveu e facilitou sua passagem para o desconhecido. Ele demorou a se acostumar com toda aquela iluminação e com a paisagem ampla que se formara diante de seus olhos.

-  **GRUNHIRAM:** choraram (grunhir é o som anterior do rosnado)
-  **LINCE:** mamífero carnívoro, extremamente ágil, de pelagem curta e cinzenta, cuja cor é uma mistura de marrom ou amarelo
-  **APREENSIVO:** preocupado, receoso
-  **INCUTIDO:** inspirado, sugerido





Logo de cara, levou um susto. Um passo em falso o fez rolar da entrada da caverna pela encosta abaixo. Ele grunhiu em desespero e gritou muito também, mas quando chegou a uma base coberta de grama, acalmou-se e saiu explorando o lugar.

Um esquilo apareceu e ele teve muito medo. Eriçou os pelos e grunhiu, fazendo o esquilo correr para o alto da árvore. Confiante, não deu bola para um pica-pau que veio voar sobre ele e acabou levando uma bicada no focinho. Ele gritou tanto que o pássaro voou para longe assustado. Aos poucos ele foi percebendo que existiam coisas vivas e coisas **INERTES**. Ele precisava tomar cuidado com as vivas, as que se mexiam.




O lobinho teve sorte no seu primeiro dia de excursão para fora da caverna. Caminhando sobre um tronco de pinheiro caído, encontrou um ninho com sete pintinhos. No começo teve medo, depois percebeu que era mais forte e deu patadas em um deles. Pegou-o com a boca e sentiu os ossinhos se quebrando. Sentiu também o gosto do sangue e percebeu que aquela carne era melhor do que a que a mãe lhe dava mastigada, pois era fresca. Comeu os sete pintinhos.

Na saída do ninho, encontrou a mãe galinha furiosa! Ela lhe deu várias bicadas no focinho, mas ele atacou de volta. Era sua primeira luta. Os dois se **ENGALFINHARAM**, cada um atacando como podia, até que a galinha deu uma bicada muito forte e ele correu para trás de um arbusto chorando de dor.

Diante do riacho, ficou fascinado. A água cristalina parecia boa para caminhar em cima. Assim que pisou na água, porém, foi levado pela correnteza. Era gelado e, ainda por cima, sentia dor por causa das pedras que feriam suas costas no fundo do riacho. Começou a bater as pernas até chegar na outra margem. Fez isso com maestria, como se tivesse aprendido a nadar há muito tempo. Concluiu que as coisas nem sempre são como parecem. A água, por exemplo, não era sólida.

Depois desse banho, começou a sentir uma vontade desesperada de encontrar a mãe. Procurou sua caverna. Mas ele ainda teria que passar por outra aventura naquele dia. Detrás de uma árvore, saiu um som muito agudo. Ele foi até lá e deu de cara com uma **DONINHA** amarelada. Muito ágil e bebedora de sangue, ela pulou na garganta do lobinho, numa tentativa de sugar-lhe as veias. Por sorte, a mãe loba estava por perto. Aproximou-se e a doninha pulou no pescoço dela, soltando o lobinho. A loba balançou a cabeça com toda força e a doninha se soltou, indo parar diretamente na boca dela.

A loba parecia mais feliz em ter encontrado o filhote do que ele em ver a mãe. Ela lambeu as feridas que ele tinha pelo corpo e acariciou-o com o focinho. Mãe e filho comeram a doninha abatida e foram juntos dormir na caverna.

-  **INERTE:** parado, estático, que não se mexe
-  **ENGALFINHARAM:** atracaram-se em luta corporal
-  **DONINHA:** mamífero carnívoro que parece o furão brasileiro

Aos poucos, o lobinho cinza foi aprendendo a voltar para a caverna sozinho. Durante o dia, saía para reconhecer o mundo, depois voltava e esperava a mãe, que sempre trazia carne. Certa manhã, o lobinho acordou com um rosnado muito alto da mãe, que passara a noite aconchegada a seu lado. Era um rosnado diferente de todos os outros que ele já havia escutado ela fazer. E não era para menos. O lince fêmea que matara seu pai estava agora na porta da caverna, pronto para transformar mãe e filho lobo em café da manhã.

A loba partiu para fora e deu um forte safanão no lobinho para que ele ficasse dentro da caverna. A loba e o lince se chocaram com violência. Sons **GUTURAIS** saíam do campo de batalha. O lobinho não gostou de ficar apenas olhando e foi ajudar a mãe em sua segunda luta, muito mais perigosa. Mordeu a perna de trás do lince, que gritou de dor e revidou, rasgando o lombo do filhote com as unhas. Ele correu assustado para um arbusto e achou melhor observar.

A batalha ainda durou muito tempo, até que o lince caiu morto. A luta chegara ao fim, mas mãe e filho lobo estavam muito feridos. A loba lambeu seu filhote e se recolheu à caverna. Ambos passaram dois dias lá dentro se recuperando. Só saíram para beber água. Depois, sentindo necessidade de alimento, a loba e seu filhote comeram a carne do lince abatido.

A partir daquela luta, o lobinho começou a sair para caçar junto com a mãe. Foi assim que ele aprendeu a lei do mais forte. Precisava matar para comer, mas ele mesmo era feito de carne, e não podia se descuidar, ou viraria alimento de alguém.

## Capítulo 4

# VIDA DIFÍCIL

Mas ele se descuidou, e não se perdoava por ter deixado a caverna para beber água no riacho sem ao menos olhar para o lado. De repente, viu-se cercado por cinco homens. Um deles se aproximou e tentou tocar-lhe a cabeça. Mesmo encolhido de medo, o lobinho deixou seu instinto falar mais alto e mostrou os dentes. Ainda assim o homem continuou a aproximar a mão, que acabou recebendo uma bela mordida.

Os outros quatro deram risada, e o lobinho recebeu um sonoro tapa na cabeça. Ele estava assustado, pois nunca havia visto um tipo de animal como aquele. Sabia, no entanto, que eles podiam matá-lo se quisessem. Chorou alto e escutou um barulho conhecido. “Ufa! Que alívio! Minha mãe...”, pensou. A grande loba apareceu soltando um rosnado mais alto que o normal. Mostrou os dentes e eriçou o pelo,



**GUTURAL:** som produzido na garganta





mas qual não foi a surpresa do lobinho quando a mãe, tão **DESTEMIDA**, deitou-se no chão e abanou o rabo quando viu os índios.

— Vejam, é Kiche! — gritou um deles, aproximando-se da loba.

— Kiche?

— Sim, Língua de Salmão. A mãe dela era uma cadela que vivia conosco. Meu irmão a deixava solta e ela acabou acasalando com um lobo. O pai de Kiche era lobo.

Faz um ano que ela sumiu, não foi, Três Águias? — disse o primeiro.

— E parece que ela foi viver com os lobos. A prova disso é esse filhote, Castor Cinzento — respondeu Três Águias.

Castor Cinzento olhou bem para o filhote e disse:




— É claro que Kiche é mãe dele, mas seu pai foi um lobo. Ele tem caninos brancos típicos de um lobo. Pronto, vou chamá-lo de Caninos Brancos e ele será meu cachorro. Meu irmão era dono de Kiche e está morto, portanto ambos serão meus agora: Kiche e Caninos Brancos.

Ele amarrou uma tira de couro no pescoço de Kiche e prendeu a outra ponta no tronco de uma árvore. Ela não reclamou. Caninos Brancos foi para junto dela insatisfeito, pois ainda não confiava naqueles homens. Logo chegaram os outros membros da tribo. Cerca de quarenta animais-homens, como os classificava Caninos Brancos, carregavam utensílios para acampar.

Pela primeira vez, o lobinho viu cachorros. Estavam igualmente carregados de bolsas e equipamentos para acampar. Pareciam-se muito com ele. Só que a recepção dada pelos cães não foi muito animadora. Vários partiram para cima dele e da mãe latindo e atacando-os ferozmente. Kiche, mesmo amarrada, lutou como pôde. Caninos Brancos honrou o nome que recebera e meteu os dentes em vários deles, mas seu couro foi rasgado como na luta contra o lince. Se não fossem os animais-homens atirarem pedras e paus na direção dos cães, ele e a mãe poderiam ter morrido. Ele admirou o poder dos homens e sentiu-se defendido.

Passado o ataque e afastado o último cão, Caninos Brancos lambeu suas feridas, mas não pôde sentar-se para descansar. Os índios seguiram viagem pela mata e levaram a mãe amarrada atrás. Ele seguiu Kiche de perto, mas não estava de acordo com o fato de terem **RESTRINGIDO** a liberdade da mãe ao comprimento de um pedaço de couro.

Acamparam onde o riacho **DESAGUAVA** no rio Mackenzie. Lá, Caninos Brancos passou a viver uma etapa diferente da vida. Viu os animais-homens fabricarem

-  **DESTEMIDA:** sem medo
-  **RESTRINGIDO:** reduzido, limitado
-  **DESAGUAVA:** jogava suas águas

enormes tendas de madeira e pele de animais, canoas e redes de pesca. Ganhou também seu primeiro inimigo: o cãozinho Lip-Lip, com quem lutou e rolou pelo chão até os dois saírem feridos. Além disso, viu Castor Cinzento fazer uma mágica. Ele criou uma coisa viva, que se mexia e tinha a cor do sol. Aproximou-se e tocou o focinho. Ele não sabia nada sobre o fogo e saiu **GUINCHANDO** e chorando em desespero. A mãe se debatia de onde estava, pois não podia ir ajudar o filho. Os índios riram do pobre lobinho assustado.

À noite, ainda com o focinho dolorido da queimadura, Caninos Brancos aconchegou-se no pelo de Kiche. Ele estava sentindo muita falta do silêncio da caverna, quebrado apenas pelo barulho do riacho. A vida agora era tumultuada demais e ele estava apreensivo sobre o que iria acontecer daqui para frente.


Os homens eram como deuses para ele. Tinham o respeito dos cães, construíam casas que eram tão escuras e aconchegantes quanto a caverna onde nascera, faziam fogo! Aos poucos, Caninos Brancos foi se submetendo a eles. Ia quando o chamavam, **RECUAVA** quando era ameaçado.

Mas a vida no acampamento não era fácil para ele. Lip-Lip o perseguia o tempo todo. Maior e mais forte do que ele, o cachorro nunca o deixava se alimentar quando a comida era jogada, nem permitia que ele brincasse com os outros cães filhotes. Sempre o atacava e ganhava as lutas, satisfeito. Caninos Brancos então aprendeu a roubar comida e passou a ser o tormento das índias, que afastavam-no das tendas com pedradas na hora do preparo dos alimentos.

Lip-Lip reinou feliz até o dia em que Caninos Brancos o atraiu para perto de Kiche, da mesma forma que sua mãe atraía os cães para longe dos homens a fim de servirem de alimento para a alcateia. O lobinho correu pelo acampamento, instigando o inimigo a persegui-lo de perto até cair na boca de Kiche, que, mesmo presa, mordeu-o até rasgar-lhe a carne. Lip-Lip correu, mas Caninos Brancos ainda conseguiu pegá-lo pela perna. Só o largou quando sentiu as pedradas das índias.

Certo dia, Castor Cinzento resolveu que Kiche não iria mais fugir e soltou-a finalmente, para grande alegria de Caninos Brancos. O lobinho foi com a mãe até a beira do riacho, onde poderiam facilmente se embrenhar no mato e fugir. Ele chamou-a com gritinhos e grunhidos, mas ela ficou parada. A força dos deuses--homens era mais forte para ela do que a vontade de voltar à floresta. O filhote chorou baixinho, inconformado.

Mas golpe pior ainda estava por vir. Três Águias ia fazer uma viagem pelo rio Mackenzie e Castor Cinzento entregou-lhe Kiche como pagamento de uma dívida.

 **GUINCHANDO:** gritando, chiando

 **RECUAVA:** ia para trás





Caninos Brancos viu a mãe se afastar numa canoa e se atirou na água, em desespero. Mas os deuses-homens eram **IMPLACÁVEIS**. Castor Cinzento foi atrás dele com outra canoa, pegou-o pelo pescoço e deu-lhe uma surra aterrorizante. Batia-lhe no rosto com toda força, desferindo tapas cada vez mais doloridos. O lobinho reagiu e chegou a mostrar os dentes e tentar lutar, mas acabou sendo vencido. O medo de perder a mãe agora se transformara em terror, mas ele não podia fazer nada.

De volta ao acampamento, Caninos Brancos chorou a noite toda. Castor Cinzento foi lá e lhe bateu de novo, até ele aprender a chorar baixinho. Ele poderia ter fugido de volta ao Wild, se não fosse a esperança de ver sua mãe voltando em alguma canoa indígena.

Com o passar do tempo, Caninos Brancos foi aprendendo a respeitar Castor Cinzento. Ele era duro e exigia obediência a todo custo. Em troca o protegia dos cachorros e lhe dava grandes **NACOS** de carne. A vida entre os índios não era de todo ruim. Ele gostava de observar as mágicas feitas pelos animais-homens, mas ainda sentia muita saudade da mãe.






Os dias que se seguiram foram ficando mais complicados à medida que os cães do acampamento se uniram, liderados por Lip-Lip, contra Caninos Brancos. Ele precisou desenvolver uma **ASTÚCIA** fora do normal para fugir e também para conseguir atacar seus inimigos. O desejo de lutar ele herdara das gerações de lobo que vieram antes dele. Trazia a esperteza, a rapidez e a inteligência no sangue.

Esse período de sua vida foi **ÁRDUO**. Ele entendeu que Castor Cinzento e os outros animais-homens deveriam ser respeitados, mas os animais menores poderiam ser atacados, caso precisasse se defender deles. Tornou-se mais ágil, mais feroz, mais cruel e mais hábil do que qualquer cão do acampamento. Era a única forma de enfrentar aquele ambiente tão **ADVERSO**.

## Capítulo 5

# CANINOS BRANCOS E OS DEUSES-HOMENS

Com o final do verão, os índios desmontaram o acampamento para se mudar e começar a caçada de outono. Caninos Brancos decidiu que não acompanharia a tribo. Entrou no riacho para dissipar seu rastro, depois escondeu-se atrás de uma moita e lá

-  **IMPLACÁVEL:** que não perdoa, que é insensível
-  **NACO:** pedaço
-  **ASTÚCIA:** malícia, habilidade para enganar
-  **ÁRDUO:** trabalhoso
-  **ADVERSO:** hostil, contrário, inimigo

ficou, observando-os partir. Não se mexeu nem quando Castor Cinzento, sua esposa e seu filho vasculharam a região chamando-o pelo nome.

Assim que todos se foram, Caninos Brancos saiu detrás da moita e deu uma bela caminhada, feliz da vida pela tão esperada liberdade. Mas, no momento seguinte, ele sentiu um vazio muito grande. Não estava mais acostumado com o silêncio. Sentiu falta do movimento da aldeia, das vozes das índias, até mesmo dos safanões de Castor Cinzento e do bando de cachorros inimigos.

Com o cair da noite, a situação piorou. O lobinho sentiu-se desprotegido. Teve medo das sombras das árvores, dos barulhos estranhos, do sopro agudo do vento... Teve fome e ali não havia os pedaços suculentos de carne ou peixe atirados para ele. Sentiu frio e não encontrou a fogueira onde podia se aquecer. A saudade de Kiche apertou. Ele foi até o lugar onde a tenda de Castor Cinzento ficava, sentou-se bem no meio e soltou seu primeiro uivo, longo e sentido.



De manhã, não demorou para tomar a decisão de seguir o rastro dos animais--homens. Correu pela margem do rio Mackenzie feito um desesperado, sempre farejando e cruzando os **AFLUENTES** a nado. A água gelada dos rios já formava crostas de gelo. Ele correu quase trinta horas sem parar. Seu pelo estava encardido, suas patas sangravam e a fome o corroía por dentro.

Quando já não suportava mais caminhar, sentiu um cheiro de fumaça conhecido. Ouviu vozes também. Detrás de uma árvore, viu Castor Cinzento sentado junto ao fogo comendo um pedaço de gordura. Aproximou-se com cuidado e deitou-se perto dele, certo de que iria levar uma surra.

Castor Cinzento levantou e o lobinho chegou a ver sua mão no ar em direção a ele. Esperou o tapa, mas, em vez disso, ganhou metade do pedaço de gordura. O índio mandou que lhe dessem mais carne e o protegeu dos cães enquanto comia. Caninos Brancos preferira voltar para junto dos deuses-homens a ficar sozinho na floresta. Ele sabia que dependia deles agora.

Lá pela metade de dezembro, Castor Cinzento resolveu fazer uma viagem rio Mackenzie acima. Foi aí que as coisas começaram a mudar na vida de Caninos Brancos. O filho de Castor Cinzento, Mit-Sah, colocou-o **ATRELADO** a um trenó e ele teria que trabalhar para os homens agora. O lobinho estava com oito meses e não se importou com isso. Era cansativo, mas pelo menos tinha ocupação o dia todo. Além disso, ele desenvolveu sua força e agilidade.

O melhor de tudo é que Lip-Lip foi colocado na frente dos outros cães na corda comprida do trenó. Os outros cães, pensando que ele estava fugindo, cor-

-  **AFLUENTE:** pequeno rio que deságua em rios maiores
-  **ATRELADO:** preso, amarrado, atado





riam em velocidade atrás dele. À noite, Mit-Sah dava comida a mais para Lip-Lip para que os cães ficassem com raiva e corressem ainda mais depressa atrás dele no dia seguinte. Lip-Lip passou a ser odiado pelos outros cachorros, de modo que o alvo dos ataques deixou de ser Caninos Brancos.

Certa tarde, outro acontecimento mudaria a vida de Caninos Brancos. Quando acampavam próximos a uma outra aldeia de índios, o lobinho viu um garoto limpando um pedaço de alce abatido. Rapidamente, foi comer os restos atirados para longe, como era de costume na aldeia onde morava. Irritado, o menino correu atrás do lobo com uma pedra na mão e acabou levando uma mordida. Indignada, a família do índio foi tirar satisfações com Castor Cinzento, que impediu qualquer tipo de **REPRESÁLIA**.




No dia seguinte, um grupo de meninos da aldeia resolveu se vingar no filho de Castor Cinzento, que se chamava Mit-Sah. Juntaram-se e começaram a bater nele. Caninos Brancos estava atrás da árvore e instintivamente atacou os garotos, mordendo vários deles. Houve uma **DEBANDADA** geral. Mit-Sah contou ao pai todo o acontecido e o lobinho recebeu muitos pedaços de carne como recompensa.

Satisfeito, Caninos Brancos se deu conta de que estava mais ligado aos deuses-homens do que imaginava. Tinha com Castor Cinzento e sua família uma relação de obediência, que agora também incluía a questão da segurança. Seus donos o defendiam contra outros animais-homens e era sua função defender seus donos. A partir daquele dia, Caninos Brancos virou o protetor do acampamento. Qualquer barulho estranho era **ALARDEADO** com rosnados e uivos. E se algum índio ou animal estranho aparecesse, recebia uma mordida certa do lobinho.

Foi assim que Caninos Brancos começou a ganhar o respeito dos outros cães. Não precisava mais correr deles. Os papéis haviam se invertido e agora era ele quem dava as ordens.

Em abril, com a chegada da primavera, Castor Cinzento encerrou a viagem e voltou à aldeia. Caninos Brancos estava com um ano. Lá chegando, o lobinho teve uma experiência muito particular. Mais confiante e crescido, ele caminhou pela aldeia sem medo dos outros cães, que passaram a respeitá-lo pelo simples andar decidido e olhar desafiador. Atraído por um cheiro familiar, Caninos Brancos chegou até uma tenda do final da aldeia. Com o focinho, afastou a pele de animal pendurada na entrada e teve uma surpresa: Kiche estava lá!

Ele estava meio esquecido dela, mas o encontro o fez lembrar da caverna, do carinho, das lambidas sobre os ferimentos. Num ímpeto de alegria, o lobinho

-  **REPRESÁLIA:** vingança
-  **DEBANDADA:** fuga, corrida desordenada para fugir de algo
-  **ALARDEADO:** avisado por meio de barulho

correu para perto dela, mas levou um susto: Kiche rosnou e ameaçou Caninos Brancos. Ela tinha uma nova ninhada agora e não se lembrava do filho mais velho. Sendo uma loba, ela agora via Caninos Brancos como um macho que poderia matar seus filhotes.

Um dos filhotes foi cheirar Caninos Brancos. Era seu meio-irmão. Ambos se farejaram, mas Kiche fez o filhote voltar para perto dela e rosnou novamente. Caninos Brancos percebeu que não havia mais lugar para ele junto de Kiche. E nem para ela junto dele. Ele agora era um lobo quase adulto, independente, e aprendera a se virar sem a mãe.

Quando Caninos Brancos estava com três anos, a fome tomou conta do Wild novamente. Durante o inverno, alces e renas tinham tomado um rumo diferente. Não havia peixes, pois os rios estavam congelados, e os coelhos estavam escassos. Muitos índios morreram. Os cães mais velhos foram devorados e alguns mais novos embrenharam-se na floresta, onde acabaram mortos por linces e lobos.

Caninos Brancos também partiu para a floresta. Embora tivesse crescido na aldeia, ele tinha a experiência de caçador da infância. E, de fato, teve sorte. Embora tenha passado fome durante dias, conseguiu matar alguns esquilos, um alce e até um lobo **MAGRICELA**. Matou também Lip-Lip, com quem se encontrou acidentalmente. Ele não estava com fome, pois passara dois dias inteiros devorando o alce que abatera, mas não poderia deixar seu inimigo vivo. O cachorro, fraco e esfomeado, praticamente não lutou.

Caninos Brancos ainda encontrou-se com Kiche na caverna onde ele nascera. Ela estava lá, com um único filhote sobrevivente de outra ninhada. A loba não recebeu bem seu filho mais velho, mas ele não ligou e continuou sua vida de caçador. Uma tarde, sentiu cheiro de fumaça. Observou detrás da árvore e reconheceu os índios da aldeia onde crescera. Ficou um tempo escondido até ter certeza de que não iria ser caçado e devorado pelos deuses-homens. Quando ouviu uma índia gargalhando, percebeu que aquela risada não era de fome. Caminhou devagar e procurou Castor Cinzento. Ele não estava, mas sua esposa viu o lobo e o chamou, dando-lhe um peixe inteiro de presente. Caninos Brancos comeu satisfeito, depois sentou-se para esperar Castor Cinzento.

## Capítulo 6

# O HOMEM BRANCO

No verão de 1898, Caninos Brancos chegou a Fort Yukon. Ele estava com cinco anos. Era lá que ficava o forte Hudson Bay Company, parada de muitos que esta-



**MAGRICELA:** muito magro





vam subindo o rio Yukon atrás de ouro. Castor Cinzento levava muitos artesanatos indígenas para vender, como mocassins de couro, luvas e peles de animais em forma de casacos e tapetes.

Foi a primeira vez que Caninos Brancos viu homens brancos, e ele tinha a sensação de que eles eram deuses superiores aos índios. Sentia isso por causa dos grandes fortes de madeira **MACIÇA** e pelas casas que existiam naquele lugar, maiores e mais resistentes do que as tendas que ele conhecera na aldeia.

Ele percebeu também que poucos homens brancos moravam naquele lugar. A maioria chegava em grandes **VAPORES** pelo rio (que também era um símbolo do enorme poder daqueles deuses brancos) e ia embora, no mesmo barco, depois de algumas horas. O mais interessante eram os cachorros que aqueles homens traziam. Eram diferentes dos da matilha indígena. Uns eram grandes demais, outros muito pequenos, alguns eram extremamente peludos, enquanto outros quase não tinham pelo. Nenhum era esperto como Caninos Brancos e todos tinham ímpeto de atacá-lo, talvez por nunca terem visto um lobo tão de perto.

Mais uma vez, Caninos Brancos precisou desenvolver sua agilidade e inteligência. Esperava o vapor todos os dias. Assim que os primeiros cães desciam acompanhados dos donos e partiam para cima dele, Caninos Brancos fechava seus dentes afiados nas gargantas dos cachorros, que precisavam ser levados de volta para o barco. Às vezes ele se afastava depois de mordê-los, deixando os cães indígenas acabarem de devorá-los. Uma vez um homem, vendo seu cachorro de raça ser devorado pelos cães dos índios, disparou seis tiros contra a matilha, que acabou perdendo seis dos seus membros.

Caninos Brancos continuava a ser odiado. Os cães da matilha tinham raiva, pois ele fugia e deixava a ira dos deuses brancos cair sobre eles, os cães dos vapores queriam matá-lo e os homens brancos, apesar de terem curiosidade, não ousavam tocar-lhe, pois recebiam rosnados e mordidas em troca. O lobinho havia vivido até ali para se tornar um animal solitário. Se durante a sua infância Lip-Lip não o tivesse infernizado, ele teria convivido com os filhotes da aldeia e teria mais jeito de cão do que de lobo. Além disso, Castor Cinzento era um dono muito rígido. Embora tivesse muito orgulho de Caninos Brancos, não era dado as atos de carinho e afago. O lobinho crescera cercado de perseguições e tapas, tornando-se um bicho alerta, feroz e inimigo dos outros cães.

O tempo foi passando e Castor Cinzento foi ganhando muito dinheiro com as vendas de suas luvas, peles e mocassins. Ao mesmo tempo, o índio começou a se



**MACIÇA:** compacta, sólida, pesada, que não é oca



**VAPOR:** navio que funciona por máquina de vapor




misturar com os poucos homens brancos que viviam ali no forte para conversar e, principalmente, para beber uísque. Ele começou a beber toda noite e, aos poucos, seu dinheiro foi sendo consumido pela bebida. Ele já não tinha mais nada e precisava de mais dinheiro para alimentar a necessidade de álcool que seu corpo exigia agora.

Foi então que Castor Cinzento acabou vendendo Caninos Brancos por algumas garrafas de uísque. O comprador era Beleza Smith, o cozinheiro do forte. Seu nome era, na verdade, uma gozação, pois ele era um homem de feições medonhas: pescoço curto, queixo **PROTUBERANTE**, olhos saltados e dentes amarelos. Caninos Brancos não queria ir embora com ele. Sabia, sentia que algo mau **EMANAVA** daquela criatura, embora não a conhecesse.

Castor Cinzento amarrou-o a uma tira de couro e entregou-o a Beleza Smith. O lobo rosnou, eriçou os pelos e mordeu o novo dono, mas Beleza Smith deu-lhe uma surra de porrete e puxou-lhe para dentro do forte. À noite, todo machucado da surra, Caninos Brancos mordeu a tira de couro que o prendia e voltou ao acampamento, mas na manhã seguinte, a cena se repetiu. Ele tomou uma surra ainda maior e teve que ir de volta para o forte quase sem poder andar.

Na noite seguinte, o lobo foi amarrado por uma corrente e Castor Cinzento viajou de volta ao rio Mackenzie. Ele não amava Castor Cinzento, mas aprendera a ter obediência àquele deus. Agora, por vontade de seu deus, ele tinha sido passado às mãos de outro deus, um deus louco, que tinha prazer em bater, em descontar em uma espécie menor as dores que lhe eram impostas pelas gozações e rejeições da espécie humana. Novamente pela dor, Caninos Brancos aprendera que deveria respeitar esse outro deus e obedecê-lo como obedecera Castor Cinzento desde pequeno.

A partir daquele momento, Caninos Brancos precisaria usar toda a experiência de luta que adquirira naqueles cinco anos de vida, pois Beleza Smith transformou-o num cachorro de **RINHA**. Prendeu-o numa gaiola e transportou-o num vapor até Dawson, onde a exploração de ouro atraía muitos homens. Lá, quase toda noite, ele era levado até uma clareira na floresta e posto para lutar contra algum cão. No final, ele sempre vencía e acabou conhecido como o “Lobo Lutador”. Beleza Smith cobrava pelo que chamava de “espetáculos” e ia enriquecendo à custa de Caninos Brancos. De dia, ele ficava exposto em sua gaiola. Homens cutucavam-no com pedaços de pau, incitando-o cada vez mais ao ódio. Mais uma vez, o lobo estava sendo moldado pelo ambiente feroz em que vivia e tornava-se mais violento do que sua própria natureza desejaria.

-  **PROTUBERANTE:** saliente
-  **EMANAVA:** desprendia, saía, exalava
-  **RINHA:** briga, luta



Passaram todos os tipos de cães por ele: huskies, setters, labradores, cães-esquimós, até mastins. A agilidade, a ferocidade e as técnicas de ataque rápido sem performances anteriores comuns aos cães, como eriçar pelos e rosnar, atraíram o público, que apostava dinheiro para vê-lo vencer.

Aos poucos, não havia mais competidores para Caninos Brancos. Ele matava todos. Lobos começaram a ser capturados pelos índios. Era com eles que Caninos Brancos lutava agora. Quando um lince fêmea foi trazido, ele precisou dobrar suas forças. Atacava com seus dentes, mas era ferido pelas garras afiadas do lince. Conseguiu vencê-lo, mas quase perdeu a vida.

Depois do lince, ele precisou de alguns dias para se recuperar. Foi então que chegou em Dawson um tal de Tim Keenan trazendo o primeiro buldogue que já aparecera na região. Foi marcada uma luta entre o cão e Caninos Brancos. Não se falava em outra coisa.

Cherokee, o buldogue, era diferente de todos os cães contra os quais Caninos Brancos já havia lutado. Era baixo, meio gordo e tinha pernas curtas. A rinha começou estranha. Normalmente, Caninos Brancos atacava assim que era colocado diante de seu oponente, mas dessa vez o embate demorou. Os dois cães se olharam e caminharam em círculos olhando um para o outro.

Tim Keenan aproximou-se de Cherokee e empurrou-o para a arena improvisada. O cão e o lobo se aproximaram e Caninos Brancos atacou três vezes seguidas, praticamente arrancando a orelha do buldogue. Era difícil chegar à garganta por causa da altura. Caninos Brancos nunca tinha lutado com um cão tão baixo. Mas se os vinte quilos de Cherokee e a baixa estatura atrapalhavam Caninos Brancos, o oposto não era verdadeiro. O buldogue apenas aguardava uma oportunidade de atingir a garganta daquela espécie alta e forte que ele também não tinha o costume de enfrentar.

E foi o que ele fez. Numa demonstração de força e coragem, Cherokee olhou bem para os quarenta quilos e cerca de um metro e meio de comprimento do animal que estava à sua frente e deu-lhe uma mordida certa próxima ao pescoço. O lobo sacudiu a cabeça violentamente, numa tentativa de arrancar o buldogue de sua garganta, mas ele não abriu a boca. Manteve os dentes fechados e só não matou Caninos Brancos de uma vez porque o excesso de pele e pelagem espessa enchiam-lhe a boca, impedindo-o de atingir a veia mestra.

A luta ficou assim por um longo tempo. Quanto mais Caninos Brancos sacudia a cabeça, mais forte o buldogue segurava a mordida. O lobo estava indignado. Nunca fora tão difícil manter-se vivo e se livrar de um inimigo. Deitou-se no chão, exaurido, e deixou a mordida chegar mais perto da garganta. Ainda tentou bater as pernas traseiras na barriga do oponente, que agora estava por cima dele, mas nem assim o buldogue soltou.

A multidão começou a gritar: “Cherokee! Cherokee!”. Beleza Smith, quando percebeu que a luta estava perdida para ele, entrou na arena e começou a chutar



Caninos Brancos com toda força. O lobo, asfixiado pela mordida, mal conseguia gemer de dor. De repente, dois homens num trenó puxado por cães se aproximaram berrando:

— Animais, seus animais!

Um deles abriu passagem na multidão e, bem na hora em que Beleza Smith estava pronto para dar outro chute em Caninos Brancos, aplicou-lhe um soco na cara. Beleza Smith caiu sentado na neve e não ousou se levantar. O recém-chegado, um homem jovem e de rosto corado pelo frio, chamou o outro, mais velho e de bigodes:

— Venha sr. Scott, ajude-me a separar esses cães.

— Vamos precisar de algum tipo de alavanca, Matt — respondeu o patrão do mais jovem.

Com o cano de uma arma, eles conseguiram levantar os dentes do buldogue e separar os animais. Cherokee soltou a garganta de Caninos Brancos sob protesto e foi rapidamente levado embora por Tim Keenan, que identificou-se como dono do cão. Quanto a Caninos Brancos, ficou caído na neve, finalmente respirando, enquanto Scott tinha uma conversinha com Beleza Smith.

— Tome, cento e cinquenta dólares por esse lobo — disse o homem.

— O lobo não está à venda — protestou Beleza Smith.

— Está sim. Eu estou comprando e é melhor você aceitar esse dinheiro ou vou lhe dar uma surra — disse Scott.

— Esse lobo vale muito mais que isso. Eu sou o dono e tenho meus direitos!

— Um homem tem direitos, mas você não é um homem, é um animal! Aposto que esse pobre lobo caído na neve tem mais inteligência que você! — gritou.

— Quando chegarmos em Dawson...

— Abra a sua boca mais uma vez e eu o expulso da cidade!

Beleza Smith pegou o dinheiro e saiu contrariado. As pessoas faziam comentários:

— Quem é esse? — perguntou um dos que assistiram a toda a cena.

— Weedon Scott. É um dos peritos em minas. Conhece bem o comissário do ouro.

— É melhor ficarmos longe dele se não quisermos confusão — concluiu outro espectador.

## Capítulo 7

# OS NOVOS DONOS

Duas semanas se passaram. Scott e Matt não sabiam o que fazer com Caninos Brancos. Toda vez que tentavam soltá-lo, ele mordia algum cão do trenó. Parecia violento e muito feroz.





— Não tenho mais esperanças de domesticar este lobo — disse Scott. — É selvagem demais.

— Não é não, sr. Scott. Olhe para o peito dele. Tem marca dos arreios de um trenó. Já foi cão-lobo de trenó antes de ter sido de Beleza Smith. Vamos dar-lhe uma chance. O pobre coitado só precisa de amor.

Os dois concordaram em soltar o lobo mais uma vez. Caninos Brancos olhava para todos os lados, aproveitando a liberdade que lhe fora privada durante tantos meses. Matt jogou-lhe um pedaço de carne. Ele recuou, depois aproximou-se da carne. Matt gritou:

— Não, Major!

Era tarde. Major, um dos cães, tentou pegar a carne e foi morto em questão de segundos. Matt tentou afastar o lobo com um chute, mas foi mordido. Scott pegou a arma e disse:

— Vamos matá-lo. Não há mais jeito.

— Não faça isso, sr. Scott, por favor.

— Mas olhe para sua perna, Matt, está sangrando. Olhe para Major..

— Vamos dar-lhe mais uma chance. Se não der certo, eu mesmo o mato.

— Está bem. Vou tentar afagar-lhe a cabeça. Tenho certeza de que esse pobre animal nunca recebeu um carinho. E quanto a Major, ele bem que mereceu, o infeliz.

— Leve o porrete na mão. Nunca se sabe — advertiu Matt.

Scott chegou perto de Caninos Brancos falando coisas agradáveis com a voz calma.

O lobo se encolheu todo, certo de que iria receber uma surra por ter matado o cão e ter mordido um deus branco. Quando viu a mão se aproximar, rosnou e eriçou o pelo, mas Scott insistiu no afago. Caninos Brancos mordeu aquela mão com uma agilidade incrível. Scott gritou de dor e viu Matt pegar o **RIFLE**.


— O que vai fazer? — perguntou Scott.

— Cumprir minha promessa. Matar o lobo.

Dessa vez foi Scott que pediu pela vida do lobo.

— Não! Veja!

Caninos Brancos rosnou e se escondeu atrás da cabana quando viu a arma. Assim que Matt a abaixou, ele voltou a silenciar e **FITOU** os dois homens. Matt pegou novamente a arma e, mais uma vez, Caninos Brancos rosnou e se escondeu, voltando ao normal quando a arma foi abaixada.

 **RIFLE:** tipo de espingarda

 **FITOU:** olhou

— O senhor tem razão — disse Matt. — Esse animal é inteligente demais para ser morto.

No dia seguinte, Scott saiu da cabana e sentou-se em uma **TORA** de madeira próxima. Caninos Brancos ficou olhando para ele. Poderia ter fugido à noite, mas não foi. Scott sentou-se e começou a falar com Caninos Brancos. Sua voz era mansa e tranquila. Caninos Brancos rosnou, depois parou para ouvir aquela voz.

Scott mostrou-lhe um pedaço de carne, mas Caninos Brancos não se aproximou. Scott atirou a carne. Ele cheirou-a e comeu-a sem tirar os olhos daquele deus, que poderia traí-lo a qualquer momento. Depois de algumas vezes, o deus se recusou a atirar a carne e Caninos Brancos precisou ir comê-la em suas mãos. Ele fez isso muito contrariado, mas a carne estava gostosa demais para ser recusada.

Após a refeição, o deus veio com a mão sobre sua cabeça. Ele odiava aquilo e começou a rosnar. O deus continuava a falar com a voz calma. Ele não entendia, mas algo lhe dizia que eram coisas agradáveis que estavam sendo ditas. Deixou-se acariciar e experimentou um misto de prazer e desconforto, pois o toque era algo muito novo, que ia contra a forma como sua natureza fora moldada. Ele crescera feroz e hostil e, de uma hora para outra, era difícil aceitar um afago, por mais gostoso que fosse.

Mas Scott se comportou como um verdadeiro salvador para Caninos Brancos. Ele foi especialmente bom para o lobo. Acariciava-o e dava-lhe atenção todos os dias, usando palavras doces e gestos agradáveis, bem diferentes dos socos, tapas e surras aos quais Caninos Brancos estava acostumado. Em pouco tempo, Caninos Brancos conheceu o amor. Pela primeira vez na vida, ele amava seu dono e esse amor era **RECÍPROCO**.

Caninos Brancos aceitou ser colocado no trenó e passou a tomar conta da cabana durante a noite. Aprendeu a diferenciar pessoas amigas e inimigas que se aproximavam do local. Impôs sua liderança aos cães por meio de rosnados e ameaças e começou a conviver melhor com eles, embora nunca ficasse muito próximo. Os cães também perceberam que Scott gostava do lobo e deixaram-no em paz.

Ele não sabia fazer festa, nem latir quando seu dono chegava perto. Era envergonhado demais para essas demonstrações efusivas de amor. Porém, agora passara a estar ao lado de Scott onde quer que ele fosse. Se a porta da cabana se abrisse, ele saía do lugar quentinho onde estava dormindo para ir até lá. Embora lobo, ele era, para Scott, o cão mais valioso que tinha, sempre fiel e atento.

Quando Scott precisou viajar, Caninos Brancos ficou doente pela primeira vez na vida. Passou dias sem comer. Ficou fraco a ponto de Matt ter de colocá-lo



**TORA:** tronco, pedaço de árvore cortada



**RECÍPROCO:** mútuo, onde existe troca dos dois lados





para dentro da cabana e escrever para Scott avisando que o lobo poderia morrer de **INANIÇÃO**. Caninos Brancos ficou lá, prostrado diante da lareira, até o dia em que escutou passos conhecidos. A porta da cabana se abriu e Scott apareceu, apertando a mão de Matt e perguntando:

— Onde está o lobo?

Caninos Brancos estava de pé, envergonhado diante da lareira.

— Deus do céu! Veja esse rabo balançando! Ele não se levantou nem uma vez quando você estava fora – disse Matt. — Eu sempre soube que esse lobo tinha algo de cachorro.

Sem saber como demonstrar sua alegria quando Scott se aproximou, Caninos Brancos aprendeu uma nova forma de expressar seu amor: colocou a cabeça entre o braço e o corpo de Scott, que afagou seu pelo com intensidade. Ele ainda ficou dois dias dentro da cabana antes de voltar a puxar o trenó. Algumas noites depois, Scott e Matt ouviram rosnados e gritos do lado de fora.

— O lobo — disse Matt. — Deve ter pego alguém.

Os dois saíram para ver o que estava acontecendo e deram de cara com Beleza Smith, munido de um porrete e uma corrente. Sua roupa estava estraçalhada e os braços sangrando pelas mordidas do lobo. Scott fez o sujeito levantar e caminhar de volta para o lugar de onde viera. Depois acariciou Caninos Brancos e disse:

— Muito bem! Ele tentou te roubar e você não deixou! Bom menino...

## Capítulo 8

### UMA NOVA VIDA

Algum tempo depois, Caninos Brancos começou a pressentir que seu deus do amor iria viajar novamente. Percebeu um movimento estranho e viu malas pela janela. Parou de comer e passava as noites uivando para as estrelas. No dia da viagem, Scott o prendeu dentro da cabana e conversou com ele, explicando que estava indo para a Califórnia, e que ele teria de ficar com Matt por um bom tempo. Depois disso, Matt e Scott se dirigiram ao porto, onde Scott embarcaria no vapor Aurora. Afastaram-se da cabana ao som dos uivos agudos que vinham de dentro. Quando Matt acabou de colocar a bagagem de Scott dentro do vapor, deu um grito:

— Sr. Scott, olhe para isso!

Caninos Brancos estava dentro do barco, sentado olhando para os dois. Estava todo cortado, pois fugira pela janela de vidro. Matt tentou pegá-lo para



**INANIÇÃO:** fraqueza por falta de comida

levá-lo de volta à terra, mas ele fugiu e se escondeu atrás de outros passageiros. Ao sinal de Scott, no entanto, ele obedeceu e foi para junto de seu deus. Matt estava prestes a amarrar seu lenço em volta do pescoço de Caninos Brancos, mas Scott o interrompeu:

— Vou levá-lo comigo, Matt.

— O que vai fazer com um lobo na Califórnia, sr. Scott?

— Ainda não sei, mas mando notícias dele para você. Não vou deixá-lo para trás.

O vapor apitou e partiu, enquanto Caninos Brancos abanava o rabo e aconchegava a cabeça entre o braço e o corpo de seu deus do amor. “Deus” e lobo desceram do vapor em São Francisco. A cidade era enorme, cheia de prédios, carruagens e pessoas circulando para lá e para cá. Caninos Brancos teve medo e não saiu de perto do dono um segundo sequer. Uma carruagem os levou para a casa dos pais de Scott, afastada da cidade.

Lá chegando, Caninos Brancos teve de encarar várias situações novas. O cão vadeiro Dick quase foi morto, não fosse o pai de Scott levá-lo para longe da entrada da casa. Collie, um pastor fêmea, tentou morder Caninos Brancos, que permaneceu parado, pois não tinha o instinto de lutar contra cães fêmeas. O lobo acabou sendo levado para dentro da casa, onde quase atacou a senhora Scott quando ela abraçou o filho.

— Deitado! — gritou Scott, ordem imediatamente atendida por Caninos Brancos.

Scott precisou acalmar a mãe, cujo coração estava disparado.

— Ele pensa que a senhora quer me fazer algum mal, mas logo, logo aprende que está tudo bem. Ele tem muitas coisas para conhecer por aqui — disse Scott.

O tempo foi passando e Caninos Brancos ia aprendendo a conviver com os cães e familiares do dono. Havia os pais de Scott, as duas irmãs Beth e Mary, a esposa Alice e dois filhos de seis e quatro anos. Deixava que todos da família o tocassem, pois percebera que eram todos como propriedades amadas do seu deus. Quando Scott se aproximava, no entanto, ele esquecia da existência de qualquer um e ia ficar perto dele. Ele o obedecia cegamente. Bastava um gesto ou a voz do dono para ele aprender o que era certo e errado para os deuses-homens.

Caninos Brancos estava sendo domesticado. Nas ruas, controlava seus instintos quando algum estranho aflagava-lhe a cabeça, quando cães latiam para ele e até quando algumas crianças jogaram-lhe pedras. Nesse dia, o dono saltou da carruagem e deu uma surra de chicote nos moleques. Caninos Brancos ficou satisfeito.

O respeito definitivo da família de humanos veio quando Scott caiu do cavalo e quebrou a perna. Caninos Brancos não queria abandonar o dono a quilômetros de casa, mas Scott o chamou e disse:





— Casa! Vá para casa e avise as pessoas.

Ainda **HESITANTE**, ele correu, pois sabia o que era “casa” e deveria obedecer seu deus.

Lá chegando, latiu pela primeira vez e rasgou o vestido da sra. Scott, puxando-a para o portão. Todos entenderam que algo havia acontecido com Scott e o lobo salvou a vida do dono, que nunca teria sido encontrado naquela estrada vazia.





Algum tempo depois, parece que Collie, o pastor fêmea que nunca desistira de provocar Caninos Brancos com mordidas e perseguições, entendeu que o lobo era do bem. Já não cravava os dentes afiados nele, nem latia desenfreadamente ao vê-lo passar. Certo dia, quando Scott já se recuperara e voltara a cavalgar, Caninos Brancos se recusou a ir com ele num passeio a cavalo. Preferiu correr pela propriedade dos Scott, brincar e esconder-se atrás dos arbustos junto com Collie, assim como Kiche e Caolho fizeram anos antes nas florestas do Ártico.

Foi então que algo gravíssimo aconteceu. O pai de Scott era juiz e havia condenado um rapaz chamado Jim Hall a cinquenta anos de prisão. O rapaz não havia cometido o crime, fora maltratado na cadeia e desenvolvera um ódio sobre-humano em função da vida dura e hostil que estava levando. O juiz Scott havia sido enganado pelos advogados e policiais. Fora vítima de uma **CONSPIRAÇÃO** que envolvia até as testemunhas e acabara dando o **VEREDICTO**. Jim Hall, porém, não sabia disso e jurara vingança ao juiz. Acontece que Jim fugira da cadeia e pelas redondezas, todos tinham medo do que ele poderia fazer.

Caninos Brancos passou a dormir no saguão de entrada como **PRECAUÇÃO**. E foi certa noite que o pior aconteceu. O lobo despertou e farejou um deus-homem desconhecido do lado de fora. Ficou imóvel aguardando o que iria fazer. Se subisse os degraus da porta, estaria invadindo o território de seus deuses, e isso ele não permitiria. Mas o homem não só subiu, como arrombou a porta. Na mesma hora, recebeu uma mordida na perna. Lobo e homem rolaram pelo chão. Do andar de cima, ouviram-se gritos, rosnados, tiros e vidros quebrados.

Scott e sua família desceram assustados. Em menos de três minutos, a luta havia cessado e ouvia-se apenas uma respiração difícil e entrecortada. O juiz acendeu a luz e viu um homem morto no chão.

— É Jim Hall – disse ao filho.

-  **HESITANTE:** indeciso
-  **CONSPIRAÇÃO:** trama secreta
-  **VEREDICTO:** decisão do juiz, sentença
-  **PRECAUÇÃO:** cuidado, prevenção

Caninos Brancos também estava caído. Era dele a respiração que quase não se realizava. Com o corpo ensanguentado, ele fechou os olhos lentamente e ainda emitiu um som baixinho quando o dono lhe acariciou e disse:

— Está morto.

— Ainda não! – disse o juiz. — Chamem o doutor.

Depois de operar Caninos Brancos, o veterinário disse:

— Ele teve uma perna e três costelas quebradas, sendo que uma delas perfurou o pulmão. Perdeu muito sangue por causa dos três tiros que levou. Eu diria que tem uma chance em dez mil de viver.

Ninguém na casa deu muita bola para o médico. Sabiam da força do lobo. Beth e Mary assumiram o papel de enfermeiras durante todo o tempo em que Caninos Brancos ficou engessado. Ele recebia cuidados como se fosse um filho delas. Ao final de algumas semanas, todos agora tinham certeza de que ele aproveitara sua única chance em dez mil de viver.

Quando o último pedaço de gesso foi tirado de seu corpo, Caninos Brancos foi levado para fora, onde pôde começar a reaprender a andar, pois seus músculos ficaram atrofiados com o período de repouso. O sol estava brilhando e Collie tinha seis filhotes muito brincalhões junto dela. Um deles correu para perto de Caninos Brancos, enquanto Beth segurava Collie. Ele lambeu instintivamente o filhote e deixou-se cair sobre a grama para descansar. Scott e seu pai foram acariciar-lhe. Naquele dia de muita felicidade para a família, o juiz disse:

— Lobo Abençoado.

Todos bateram palmas e o juiz concluiu:

— A partir de hoje, seu nome será Lobo Abençoado.



# ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Em que época se passa a história?
- 2) A história começa em um lugar, passa por outro e termina em um terceiro local. Que lugares eram esses?
- 3) Na época em que Castor Cinzento viajou para vender peles e mocassins, estava ocorrendo a corrida do ouro nos Estados Unidos. Pesquise, com a ajuda de seu professor(a) de História, o que foi esse evento histórico.
- 4) Lendo o livro, você aprendeu que uma alcateia é um conjunto de lobos e que uma matilha é um conjunto de cães. Descubra outros coletivos de animais, por exemplo, de elefantes e de aves.
- 5) Caninos Brancos cresceu entre os homens, por isso não pôde ter sua natureza de lobo totalmente desenvolvida. Como ele seria, se tivesse ficado no Wild desde pequeno? Você acha que teria sido melhor ou pior para ele?
- 6) Caninos Brancos aprendeu a respeitar seu primeiro dono, Castor Cinzento. Como o índio conseguiu esse respeito?
- 7) Você acha que Caninos Brancos era feliz vivendo entre os índios e tendo Castor Cinzento como dono? Justifique sua resposta.
- 8) Por que Caninos Brancos nunca conviveu bem com os cães da aldeia? Quem foi o primeiro responsável por isso?
- 9) Você acha que a ferocidade de Caninos Brancos vinha de sua natureza de lobo ou da maneira como ele cresceu entre os homens? Justifique sua resposta.
- 10) Quais foram alguns dos aprendizados que Caninos Brancos teve desde seu nascimento até sua domesticação? Por exemplo, o que ele aprendeu em relação aos animais selvagens quando era pequeno, em relação aos homens índios e brancos, aos outros cães, às galinhas na Califórnia etc.?
- 11) Por que Caninos Brancos considerava os homens como deuses?
- 12) Beleza Smith era um dono cruel e louco. Por que você acha que ele batia tanto em Caninos Brancos? Ele tinha motivos para isso?
- 13) Como Beleza Smith era tratado pelos homens do forte? Por que lhe deram esse nome?
- 14) Beleza Smith ganhava dinheiro com o lobo. De que maneira? Descubra algumas raças de cães que costumavam ser usadas para rinha, como Caninos Brancos. Fale com criadores de cães e pesquise na Internet.
- 15) Como foi que Scott conseguiu o respeito de Caninos Brancos? Como Caninos Brancos aprendeu a amar um ser humano?
- 16) Você acha que Scott era um bom dono para Caninos Brancos? Justifique sua resposta.
- 17) Você consegue identificar relações entre o comportamento de Caninos Brancos depois da domesticação e o comportamento dos cachorros que você conhece? Quais são?
- 18) Jim Hall, o fugitivo que queria matar o juiz Scott, viveu dias de dor e sofrimento na prisão. Você acha que existe uma relação entre a vida desse homem e a de Caninos Brancos?
- 19) Você tem alguma sugestão para que os criminosos presos no Brasil e em outras partes do mundo possam se recuperar e voltar a viver na sociedade depois de cumprirem suas penas?
- 20) Qual foi o nome que Caninos Brancos recebeu depois de ter salvo a vida do juiz Scott? Você concorda com esse nome? Se fosse você que tivesse de dar outro nome a Caninos Brancos, qual seria?



# CANINOS BRANCOS

**Jack London**

## BIOGRAFIA DO AUTOR

John Griffith, mais conhecido como Jack London, nasceu no dia 12 de janeiro de 1876 em São Francisco, na Califórnia, filho de Flora Wellman. Seu pai era, provavelmente, William Chaney, companheiro de Flora na época. Contudo, eles não eram oficialmente casados e Chaney exigiu que ela fizesse um aborto. Com a recusa da mulher, Chaney a abandonou, negando-se a reconhecer John Griffith como filho. Flora logo se casou com John London, um veterano da Guerra Civil, de quem Jack London adotou o sobrenome. Quando Jack tinha 13 anos, John London morreu e o menino precisou ir trabalhar em uma fábrica de conservas. Acordava às 5 e meia da manhã e ia dormir à meia-noite para ajudar no sustento da família.

Jack era apaixonado por livros. Lia qualquer coisa que lhe caía nas mãos. Entre uma leitura e outra, Jack deixou a fábrica de conservas e virou ladrão de ostras no porto de Oakland. Depois se cansou da pirataria e inverteu os papéis, indo trabalhar como policial.

Finalmente, resolveu virar marinheiro, influenciado pela grande obra de Herman Melville, *Moby Dick*, que ele adorava. Passou três meses no veleiro *Sophie Sutherland* em uma viagem à caça de focas. De volta a São Francisco, conseguiu trabalho numa fábrica de juta. Nessa época, enviou um relato de suas aventuras a bordo do veleiro para um concurso literário. Jack ganhou 25 dólares pelo primeiro lugar.

Ele tentou publicar alguns contos, mas nenhum foi aceito. Largou a fábrica de juta e voltou à vida de ladrão e desocupado. Depois entrou para a Universidade da Califórnia, onde permaneceu apenas um semestre porque não tinha condições de pagar. Então Jack decidiu ir ao Canadá, impulsionado pela corrida do ouro.

Não conseguiu ouro e ficou doente na viagem. Voltou para São Francisco e finalmente virou escritor profissional, escrevendo para a revista *Overland Monthly*. Estava casado com Bessie Maddern, com quem tinha duas filhas.

Seu primeiro romance, *O filho do lobo*, foi publicado na virada do século. Outros livros vieram em seguida: *O apelo da floresta*, *Martin Eden*, *O lobo do mar*, *Antes de Adão*, *Caninos Brancos*, *O tacão de ferro*, *A filha da neve* e *Gente do abismo*.

Jack London abandonou a mulher para ficar com a editora Charmian Kitchredge, por quem se apaixonou e com quem viveu durante onze anos, até sua morte, em 22 de novembro de 1916. Ele é considerado um dos maiores escritores norte-americanos mundialmente. Seus livros contam com muita ação e também com descrições precisas, suas experiências de vida e suas viagens.




COLEÇÃO

# AVENTURAS GRANDIOSAS

Série 3



 EDITORA  
RIDEEL